

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

78

INSCRIÇÕES N.ºs 351 A 355



UNIVERSIDADE DE COIMBRA
2005

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

.....
Toda a colaboração deve ser dirigida a:

José d'ENCARNAÇÃO
Instituto de Arqueologia
Palácio de Sub-Ripas
P-3000-395 COIMBRA

Maria Manuela Alves DIAS
Av. Madrid, 24, 2.º dt.º
P-1000-196 LISBOA

.....
A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de

CONSELHO DIRECTIVO DA FACULDADE DE LETRAS DE COIMBRA



LIGA DE AMIGOS DE CONIMBRIGA

Composto e impresso na G. C. – Gráfica de Coimbra, Lda.

Depósito Legal N.º 21216/88

MARCA GRAFITADA DE ARCEA,
SOBRE UM PESO DE TEAR DE CONIMBRIGA

Peso de tear proveniente dos trabalhos de limpeza realizados por Virgílio Hipólito Correia em 1991 na «zona E» de Conimbriga. A peça tem face trapezoidal e lado rectangular, com dois orifícios, características que permitem a sua inclusão no grupo B VIb da tipologia proposta para os pesos de tear de Conimbriga¹. A pasta é rosa claro, relativamente homogénea.

Dimensões médias: 6,5 x 10,5 x 4,4 (7,5 x 5,1) cm

[A]RCIIA / ARCO(*nis filia*)

Arcea, filha de Arcão.

Alt. das letras: 0,9-1,7 cm.

Peso: 585 g.

Como é usual, o grafito foi executado no topo do peso, antes da cozedura, recorrendo a um estilete vegetal. As incisões não são, todavia, muito profundas na maior parte das letras. Em consequência deste facto e também porque o topo da peça foi atingido por uma ligeira pancada no seu lado esquerdo, desapareceu o A inicial de *Arcea* e do R apenas se conserva a metade inferior. A escrita é actuária, com as letras a serem gravadas de forma bastante irregular por mão pouco firme e inexperiente: a título de exemplo basta comparar as diferenças entre o A final de *Arcea* e o A de *Arco*; é igualmente notório o imperfeito desenho do C da primeira palavra e do O da segunda. Acresce

¹ Alarcão, A. M. e Ponte, S., “Trouvailles diverses”, in Alarcão, J. e Étienne, R. (dir.), *Fouilles de Conimbriga*, VII – *Trouvailles diverses/Conclusions générales*, Paris, 1979, pp. 62 e 78-79.

ainda o recurso às duas barras verticais como forma arcaizante de representar o E.

A ser correcta a nossa interpretação, o nome *Arcea* encontra-se documentado pela primeira vez em Conimbriga. De resto, este nome feminino de origem indígena é relativamente raro na Hispânia, estando praticamente circunscrito à região de Lara de los Infantes (prov. de Burgos)². Quanto ao patronímico *Arco*, já antes atestado na epigrafia conimbrigense³, encontra-se profusamente difundido na Península, sobretudo em áreas de influência céltica⁴.

Não nos parece muito habitual nos grafitos em pesos de tear encontrar-se a referência ao patronímico de alguém. Em Conimbriga só conhecemos outro exemplo, numa peça com a inscrição *Vlori Sev[e]/rī⁵*.

Atendendo à onomástica e à paleografia, que parecem remeter-nos para um ambiente sócio-cultural ainda pouco romanizado, sugere-se para esta inscrição uma cronologia do séc. I d. C., quando muito inícios do II.

JOSÉ RUIVO



H. Rendeiro/Arquivo MMC

351

² Abascal Palazón, J. M., *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*, Murcia, 1994, p. 283.

³ Étienne, R. e Fabre, G., “Épigraphie” in Alarcão, J. e Étienne, R. (dir.), *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976, n^{os} 32, 35 e 376.

⁴ UNTERMANN, J., *Elementos de un Atlas Antroponimico de la Hispania Antigua*, Madrid, 1965, pp. 58-59, mapa 10; veja-se ainda a lista de testemunhos deste nome apresentada por Abascal Palazón, *op. cit.*, p. 284.

⁵ Étienne e Fabre, *op. cit.*, n^o 418.

MARCA GRAFITADA I A,
SOBRE UM PESO DE TEAR DE CONIMBRIGA

Peso de tear recolhido em 2000 no baptistério da basílica paleocristã, no interior de um canal. A peça, de face trapezoidal e lado rectangular apresenta-se bem conservada, apresentando uma pequena falha que, numa das faces, vai da parte superior do orifício para suspensão até ao topo do peso, atingindo ligeiramente o campo epigráfico, embora sem afectar a inscrição. O orifício para suspensão está nitidamente descentrado. Quanto à tipologia, este peso integra-se no grupo B VIa de Conimbriga¹.

Dimensões da peça: 6,4 x 10,9 x 3,6 (7,5 x 3,6) cm.

Campo epigráfico: 6,4 x 3,6 cm.

I A

Alt. das letras: I: 2,5; A: 2,7 cm.

Grafito gravado antes da cozedura. A incisão, efectuada por um estilete vegetal aguçado, é larga e profunda no I e na barra horizontal do A e fina e relativamente superficial nas barras oblíquas desta última letra. As duas iniciais foram gravadas junto aos extremos laterais do campo epigráfico, ficando a parte central deste por preencher.

As letras I A poderão corresponder, eventualmente, às iniciais de *Iulius/Iunius Avitus* ou *Iulia/Iunia Avita*. Embora não se conheça, em Conimbriga, qualquer indivíduo com este nome, tanto o gentílico

¹ Alarcão, A. M. e Ponte, S., “Trouvailles diverses”, in Alarcão, J. e Étienne, R. (dir.), *Fouilles de Conimbriga*, VII – *Trouvailles diverses/Conclusions générales*, Paris, 1979, pp. 62 e 77-78.

Iulius, -a como o cognome *Avitus*, -a estão muitíssimo bem documentados na cidade². Quanto a *Iunius* conhece-se, até ao momento, apenas uma única atestação para Conimbriga, por sinal de um indivíduo que exerceu o cargo de flâmine da província da Lusitânia³, deixando entrever a existência de uma importante clientela na cidade.

Não se propõe qualquer datação para a peça.

JOSÉ RUIVO



H. Rendeiro/Arquivo MMC

352

² Étienne, R. e Fabre, G., “Épigraphie” in Alarcão, J. e Étienne, R. (dir.), *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976, p. 225 (*Iulius*, -a) e 226 (*Avitus*, -a).

³ *Idem*, pp. 49-51, n° 24.

Ficheiro Epigráfico, 78, 2005

MARCA GRAFITADA DE CASA,
SOBRE UM PESO DE TEAR DE CONIMBRIGA

Peso de tear recolhido em 2001 por um dos signatários (MPR) na Rua da Fonte, em Condeixa-a-Velha, durante o acompanhamento arqueológico dos trabalhos de instalação da rede de saneamento naquela localidade¹.

A peça apresenta-se bastante mutilada, com excepção do topo onde foi gravada a inscrição, menos afectado, não levantando qualquer obstáculo à leitura da mesma.

Dimensões conservadas da peça: 5,7 x 6,5 x 4,3 cm.

Campo epigráfico: 5,7 x 4,3 cm.

CASAI

De (pertencente a) Casa

Alt. das letras: de 1,4 a 1,8 cm.

Grafito gravado antes da cozedura. A incisão, efectuada por um estilete vegetal aguçado, apresenta-se por vezes larga e bastante profunda. A altura das letras não é uniforme, tal como a grafia, notando-se alguma diferença quando comparamos, por exemplo, os dois A. Também a letra E está representada por duas hastes verticais, traçadas de forma irregular, sendo que na primeira a incisão é fina e superficial enquanto na segunda é bastante profunda e foi praticada com o estilete

¹ Esta peça foi já referenciada em Correia, V. H.; Fernandes, L. S. e Ruivo, J., “Os proprietários de oficinas de cerâmica de construção de Conimbriga e da Lusitânia ocidental: continuidade e ruptura”, in Polfer, M. (dir.), *L’artisanat romain: évolutions, continuités et ruptures (Italie et provinces occidentales)*, Monographies instrumentum, 20, Montagnac, 2001, p. 168 e fig. 28.

inclinado para a direita. O campo epigráfico encontra-se incompleto, devido a uma ou várias pancadas que a peça sofreu, tendo atingido parte da curvatura externa da letra C.

O antropónimo *Casa* é de origem indígena². Tanto quanto julgamos saber, as raras ocorrências deste nome cingem-se presentemente à Lusitânia, com destaque para a *civitas Igaeditanorum*³ e áreas limítrofes⁴. Em Conimbriga, num outro peso de tear lê-se *Cas(ae)* ou, eventualmente, *Cas(inae)*⁵.

Embora o contexto estratigráfico da peça não forneça qualquer indicação cronológica, a paleografia parece apontar para uma datação do séc. I d. C.

MARIA PILAR REIS
JOSÉ RUIVO



H. Rendeiro/Arquivo MMC

353

² Albertos Firmat, M. L., “Nuevos antropónimos hispánicos”, *Emerita*, XXXII (2), 1964, p. 237.

³ Almeida, F., *Egitânia. História e Arqueologia*, Lisboa, 1956, p. 174, nº 52 = ILER 4550 (*Casa*) e p. 175, nº 53 = ILER 3614 (*Qasa*).

⁴ No Museu Francisco Tavares de Proença Júnior, em Castelo Branco, este nome está registado numa inscrição de proveniência desconhecida, embora certamente da área de influência da *civitas Igaeditanorum*: Garcia, J. M., *Epigrafia lusitano-romana do Museu Tavares Proença Júnior*, Castelo Branco, 1984, pp. 119-120, nº 36. Em Benespera (distr. da Guarda), foi registada outra ocorrência do mesmo antropónimo: *Hispania Epigraphica*, 2, 1990, p. 232, nº 795.

⁵ Étienne, R. e Fabre, G., “Épigraphie” in Alarcão, J. e Étienne, R. (dir.), *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et sculpture*, Paris, 1976, p. 180, nº 395.

MARCA GRAFITADA DE *IULIA*,
SOBRE UM PESO DE TEAR DE CONIMBRIGA

Peso de tear proveniente dos trabalhos de limpeza realizados em 1991 na chamada «zona E» de Conimbriga. Trata-se de uma peça de formato paralelepípedo, com um orifício¹, apresentando uma superfície bastante gasta, já sem arestas. A pasta é rosada, sendo perfeitamente visíveis inúmeras partículas de tonalidade vermelho-ocre, devido à adição de cerâmica triturada à argila.

Dimensões médias: 7,7 x 10,7 x 5,8 cm.

IVLIA

Júlia

Alt. das letras: 1,4-1,9 cm.

O grafito foi executado no topo superior do peso, provavelmente com recurso a um objecto metálico afilado e cortante. A escrita é de tipo actúaria. Sobre o L e o I observa-se uma barra ligeiramente oblíqua; o A não recebeu a barra horizontal, percebendo-se apenas uma pequena incisão vertical, visível em baixo, entre as duas barras da letra, embora mais próxima da barra da direita.

O gentílico *Iulia/Iulius* encontra-se profusamente difundido por todo o mundo romano. Em Conimbriga conhecemos várias ocorrências deste nome, documentado quer através de inscrições funerárias²

¹ Este exemplar parece enquadrar-se no Grupo B Ia, definido para os pesos de tear de Conimbriga (Alarcão, A. M. e Ponte, S., “Trouvailles diverses”, in Alarcão, J. e Étienne, R. (dir.), *Fouilles de Conimbriga*, VII – *Trouvailles diverses/Conclusions générales*, Paris, 1979, pp. 62 e 66-69).

² Étienne, R. e Fabre, G., “Épigraphie” in Alarcão, J. e Étienne, R. (dir.), *Fouilles de Conimbriga*, II – *Épigraphie et sculpture*, Paris, 1976, n^{os} 33, 55, 70 e, eventualmente, 27.

quer através de grafitos³. Destes, um foi executado sobre um peso de tear⁴; não é, contudo, possível estabelecer qualquer paralelo com a presente peça.

Não obstante a ausência de contexto estratigráfico, a inscrição parece-nos do séc. II d.C.

JOSÉ RUIVO



H. Rendeiro/Arquivo MMC

354

³ Étienne e Fabre, *op. cit.*, nºs 308, 364 e 404.

⁴ Étienne e Fabre, *op. cit.*, nº 404.

MARCA DE *L. ALLIVS AVITVS*,
IMPRESSA NUM TIJOLO DE CONIMBRIGA

Fragmento de tijolo com marca executada por aplicação de *sigillum* numa das faces, proveniente das escavações realizadas em 2002 em Conimbriga no “Terreno da Faculdade de Letras”. A peça foi encontrada na escavação da quadrícula H10. 46, na u.e. 2, correspondente ao entulhamento de uma vala, aberta em data muito posterior ao abandono da cidade para levantamento de um muro de divisão de propriedade.

Dimensões conservadas da peça: 8,4 x 6,4 x 4,3 cm.

Campo epigráfico: 2,5 x 2,7 cm.

L(ucii) AL(lii) [AVITI]

De Lúcio Álio Avito.

Alt. das letras: de 1,5 a 1,6 cm.

O aparecimento deste fragmento revela-se de extraordinária importância, uma vez que permite reconstituir, ao que tudo indica na íntegra, o nome do proprietário de uma das oficinas de cerâmica de construção que sabemos terem laborado em Conimbriga¹, completando o texto proveniente das escavações antigas, no qual R. Étienne e G. Fabre leram [...]*II AVITP*².

¹ Correia, V. H., Fernandes, L. S. e Ruivo, J. S., «Os proprietários de oficinas de cerâmica de construção de Conimbriga e da Lusitânia ocidental: continuidade e ruptura», in Polfer, M. (dir.), *L'artisanat romain: évolutions, continuités et ruptures (Italie et provinces occidentales)*, Monographies Instrumentum, 20, 2001, pp. 151-172.

² Étienne, R. e Fabre, G., “Épigraphie” in Alarcão, J. e Étienne, R. (dir.), *Fouilles de Conimbriga, II – Épigraphie et Sculpture*, Paris, 1976, p. 134, n° 294 e Pl. XXIII.

Os caracteres são do tipo monumental, apresentando-se em relevo com pouco mais de 1 mm de espessura. As três primeiras letras são perfeitamente visíveis, embora a barra inferior do primeiro L seja pouco discernível e toda a parte inferior do segundo L tenha desaparecido, situação que, no caso desta última letra, havia já impedido a sua correcta identificação no fragmento publicado pelos autores do volume II de *Fouilles de Conimbriga*, que o interpretaram como sendo um I.

Contrariamente ao que sucede nas restantes marcas em cerâmicas industriais até agora detectadas em *Conimbriga*, onde o proprietário da oficina se identifica apenas pelo cognome (*Maelo, Duatius, Primus, Fronto...*)³, aqui o proprietário faz a sua identificação mediante o sistema dos *tria nomina*.

Allius é gentílico latino, sendo frequente no Centro da Península Itálica, nomeadamente no Lácio, Úmbria, Sâmnio e Campânia⁴. Na Hispânia, os cerca de três dezenas de testemunhos conhecidos circunscrevem-se praticamente à Lusitânia, nomeadamente à capital provincial e à faixa litoral ocupada pelos territórios de *Conimbriga*⁵ e dos municípios vizinhos de *Aeminium*⁶, *Collippo*⁷ e *Eburobritium*⁸.

Este fenómeno da proximidade geográfica parece-nos digno de nota tanto mais que, quando articulado com a datação atribuída a vários dos monumentos conhecidos – situada dentro um horizonte

³ Coroado, J., Correia, V. H., Fernandes, L. S. e Ruivo, J.S. e Triães, R., «Produção e difusão de cerâmicas industriais em Conimbriga e territórios limítrofes», V Mesa Redonda Internacional sobre Lusitania Romana: Las comunicaciones (Cáceres 7-9 Novembro 2002), Madrid, 2004, pp. 297-320.

⁴ Forcellini, A., *Lexicon Totius Latinitatis*, Tomo V-*Onomasticon*, Pádua, 1940, p. 90; Lassère, J. M., *Vbique Populus*, Paris, 1977, p. 170.

⁵ Étienne e Fabre, *op. cit.*, nº 36: *Allia Avita* e *Allia Rufina*; nº 63: *C. Allius Avitus*; nº 298 a-b: *Allia*; FE 109: *Allius Alexander*; FE 210: *Alia Avita* (sic).

⁶ Le Roux, P. e Fabre, G., «Inscriptions latines au Musée de Coimbra», *Conimbriga*, X, 1971, pp. 124-130, nº 4: *Allius Avitus*; nº 5: *Allia Vagelia Avita* e *C. Allius Avitus*, com a particularidade de este último indivíduo ser o mesmo referenciado na inscrição nº 4.

⁷ Uma dedicatória realizada em 167 à memória de Antonino Pio, encontrada na Igreja de N.ª Senhora da Pena, no Castelo de Leiria, menciona um *Q. Allius Maximus*, duúviro coliponense e um *Q. Talotius Allius Silonianus*, decurião do mesmo município: Brandão, D. P., «Epigrafia romana coliponense», *Conimbriga*, XI, 1972, pp. 11-15, nº 2.

⁸ Numa inscrição funerária de Tornada, Caldas da Rainha (ILER 4234), memorava-se *M. Allius Balbus*, que morreu aos trinta anos de idade: Encarnação, J., «Monumentos epigráficos romanos do Museu Municipal Dr. Santos Rocha (Figueira da Foz)», *Conimbriga*, XXXII-XXXIII, 1993-1994, p. 299.

temporal que vai de meados do séc. II ao séc. III – torna pertinente admitir a existência de relações de dependência e/ou laços de parentesco entre muitos destes indivíduos. Esta situação foi já devidamente posta em evidência para *Conimbriga* e *Aeminium*⁹, mas não convirá ignorar que os *Allii* coliponenses poderão ter desempenhado também um papel de relevo: de *Collippo* provêm as únicas figuras conhecidas desta *gens* que terão exercido cargos políticos até ao momento na região: *Q. Allius Maximus* referenciado numa inscrição de 167 com as funções de duúnviro e *Q. Talotius Allius Silonianus* nomeado decurião¹⁰. Contudo, esta complexa teia de ramificações estende-se até *Emerita*, onde se encontrou uma inscrição que refere um *C. Allius M. libertus Aeminiensis*¹¹.

Numa actividade em torno da qual parecem gravitar os interesses de uma pequena burguesia aparentemente composta por indivíduos oriundos do substrato indígena e por libertos, não é fácil dissociar deste meio *L. Allius Avitus*. Admitindo que alguns destes indivíduos possam ser descendentes de antigos colonos itálicos ou a eles estarem ligados por relações de clientela, nenhum denuncia com clareza o seu estatuto jurídico, numa ambiguidade que permite, de alguma forma, considerar diversas possibilidades quanto à sua condição social, embora nos inclinemos considerar a origem servil ou autóctone de vários dos *Allii* conimbrigenses, expressa por *cognomina* de matriz oriental, como *Alexander*; ou tipicamente indígena, como *Avitus* e *Rufina*, e igualmente bem patente na análise das relações familiares: a inscrição FC 63 é dedicada à memória de *C. Allius Avitus* pelos irmãos *Rufus* e *Calliope*.

É interessante ainda constatar que a propriedade, a gestão (ou ambas) das oficinas cerâmicas parece ter sido detida por elementos femininos da família: o nome *Alliae* surge impresso em numerosos pesos de tear, encontrados em *Conimbriga*¹², na *uilla* do Rabaçal

⁹ Étienne e Fabre, *op. cit.*, p. 67.

¹⁰ Este indivíduo exerceu as funções de *evocatus* na guarda pretoriana e, de volta à sua cidade natal, foi nomeado decurião. Parece-nos óbvio que tanto o gentilício *Allius* como o cognome *Silonianus* foram adoptados, o que deixa pressupor a existência de uma relação de clientela (eventualmente de parentesco) com os dois duúnviros coliponenses referenciados na mesma inscrição: o outro duúnviro chama-se *C. Sulpicius Silonianus*.

¹¹ CIL II 500=ILER 4753.

¹² Étienne e Fabre, *op. cit.*, nº 298a (8 exemplares) e nº 298b (3 exemplares).

(Penela)¹³ e nas Alhadas (Figueira da Foz)¹⁴. Num exemplar recentemente publicado, aparece inclusivamente esgrafitado o nome *Alia (sic) Avita[e]*¹⁵.

Estas circunstâncias remetem-nos para o exercício duma actividade industrial com carácter familiar que, com alguma probabilidade, se terá prolongado por várias décadas ou até mesmo séculos. Mesmo considerando a ausência de elementos estratigráficos que permitam atribuir uma cronologia precisa às produções cerâmicas de *L. Allius Avitus*, somos tentados a estabelecer um paralelo com as datações propostas para os epitáfios dos *Allii* conimbrigences e eminienses, situando-as entre a segunda metade do século II e inícios do III.

JOSÉ RUIVO

¹³ Pessoa, M. (coord.), *Relatório das escavações da villa romana do Rabaçal* (Relatório apresentado ao IPA, no âmbito do PNTA – policopiado).

¹⁴ Rocha, A.S., «Estação luso-romana da Pedrulha», *Boletim da Sociedade Archeologica Santos Rocha*, I (8), 1908, pp. 15-16.

¹⁵ Correia, V. H., «Marca grafitada de *Allia Avita* sobre um peso de tear, de Conimbriga», *FE*, 47, 1994, nº 210. Cremos, contudo, que, no caso dos grafitos, o nome inscrito nos pesos não designará forçosamente o proprietário de uma oficina de cerâmica, mas identificará, com alguma probabilidade, o proprietário de um tear ou oficina de tecelagem.



H. Rendeiro/Arquivo MMC

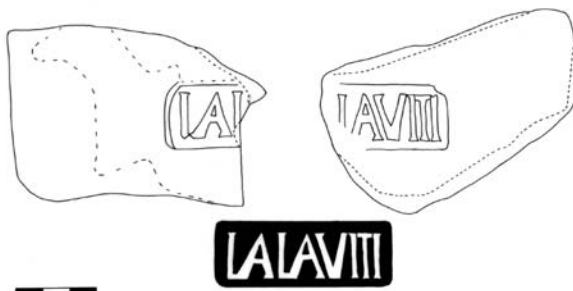
Fragmento de marca recentemente encontrado

355



H. Rendeiro/Arquivo MMC

Fragmento de marca das escavações luso-francesas



Ida Buraca/Arquivo MMC

Levantamento dos fragmentos e reconstituição da marca